

PRINCÍPIOS ELEMENTARES DE ALQUIMIA Rodolfo Domenico Pizzinga

Este trabalho pretende revisitar alguns princípios fundamentais de ALQUIMIA. Como suporte bibliográfico básico, foram utilizadas as duas obras legadas por Fulcanelli: ***As Mansões Filosófais*** e ***O Mistério das Catedrais***.

INTRODUÇÃO

No prefácio da primeira edição do livro *As Mansões Filosófais (e o Simbolismo Hermético nas suas Relações com a Arte Sacra e o Esoterismo da Grande Obra)*, Eugénio Canseliet afirmou: *Considerada durante muito tempo como uma quimera, a Alquimia interessa cada vez mais ao mundo científico.*

E se filosofar, como disse Aristóteles, é estudar as *causas últimas de todas as coisas*, ou se é, também, tentar *fornecer uma explicação orgânica do Universo*, como afirmou o filósofo e matemático inglês Alfred North Whitehead (1861-1947), a Filosofia não pode dar preferência a um ou outro campo do saber. Não. Não se pode adstringi-la apenas ao estudo da Lógica, da Metafísica, da Ética, da Epistemologia, da Teodicéia, da Política, da Cosmologia, da Psicologia ou da Estética. A Filosofia (*philos sophias*) estuda tudo, pois tudo tem valor ponderável para o conhecimento. E, também, porque qualquer coisa pode ser examinada sob o aspecto científico ou sob o plano filosófico. Por isso, o estudo dos aspectos filosóficos da Alquimia está inserido no âmbito da Filosofia das Ciências. Falar, portanto, de uma Filosofia da Alquimia não deve causar espanto a ninguém. Os próprios alquimistas referem-se ao seu conhecimento como Filosofia Natural. Em aditamento, renomadíssimos pensadores e cientistas de todos os tempos - registradamente os da Idade Média - a ela dedicaram fervorosos e aprofundados estudos. A título de ilustração, listam-se alguns nomes de notabilíssimas personalidades de reputação ilibada e mundial, que entregaram parte ponderável de suas vidas ao estudo da Filosofia Alquímic: Zóximo (o Panapolitano), Ostanes (de Synesius), Geber, Thazes, Artephius, Moriano, Maria (a Profetiza), Hermes, Rogério Bacon (Doctor Admirabilis), Alão de L'Isle, Cristóvão (o Parisiense),

Arnaldo de Villeneuve, Tomás de Aquino (Doctor Angelicus), Ferrarius, Raimundo Lulio (Doctor Illuminatus), João Daustin, João Cremer, Ricardo (apelidado Roberto, o Inglês), Pedro Buono de Lombardia, Guilherme (de Paris), João de Meng, Grasseus (apelidado Hortulanus), Nicolau Flamel, Basílio Valentim, Tritémio (o Abade), Isaac (o Holandês), Tomás Norton, Jorge Ripley, Lambsprinck, Jorge Aurach (de Estrasburgo), Lacini (monge calabrês), Bernardo Trevisano, Venceslau Livínio (de Morávia), Zacário, Paracelso, Lascaris, Eireneo Filaleuto, Jean d'Espagnet, Fulcanelli, Eugénio Canseliet, François Rabelais, Tiago Tesson, Francisco Vicente Raspail, Jacob Boheme, Robert Fludd, Michael Maier, Jollivet Castelot, Harvey Spencer Lewis, Nicolau de Grosparmy, Quercetanus, Pierre Vicot, Limojou de Saint-Didier, Cyliani, Cipriano Piccolpassi, Hujumsin, Nicolau Valois, Göethe, Leriche, Luis D'Estissac, Avicena, Demócrito, Salomão, Tollius, J.B. van Helmont, Trismosino, Alberto o Grande, Naxágoras, Huginus à Barma, Cagliostro, Batsdorf, Sethon (o Cosmopolita), Senior Zadith, Henrique de Linthaut, Artéfio, Tiago Coeur, Lactâncio, Platão, Francis Bacon, Homero, Virgílio, Ovídio, Dante, Miguel de Cervantes, Francisco Colonna, Teobaldo de Champagne e Jesus o Cristo. (Jesus, dos doze aos trinta anos, entre outros países da Antigüidade, esteve na Pérsia, na Índia e finalmente no Egito. No seu discipulado, adepto e mestrado a Alquimia constituiu-se em uma das colunas fundamentais de sua preparação iniciática).

Neste ponto da presente pesquisa, ao se iniciar o estudo dos princípios fundamentais da Alquimia, deseja-se deixar clarificado, que o tema impõe, além da análise filosófica necessária e insubstituível, um aprofundamento, ainda que tangencial, nos aspectos científico e iniciático que esta ciência parece incontestemente contemplar. O espírito hodierno quer mais luz! E por isso, não aceita mais ficar aprisionado nos laços de um Positivismo autoritário, fútil e ilusório. O Positivismo já deu o que tinha que dar no que concerne à negação da Metafísica. Entretanto, a Religião da Humanidade, que tem por lema *O Amor por princípio e a Ordem por base; o Progresso por fim*, contraditoriamente, está ancorada em princípios metafísicos. O pensamento daquele agonizante século XX começa a admitir que *aquele que conhece*

realmente está em enteléquia. A Alquimia, assim, passa a estar incluída como campo de pesquisa e de interesse de cientistas, de psicólogos e de filósofos contemporâneos. A enteléquia, portanto, como já determinara Aristóteles, preside as realizações do ser, quer seja na arte, na poesia, na música, na arquitetura, na ciência, quer se manifeste na trajetória iniciática, pois é aquilo que conduz o postulante à possibilidade de pleitear, e de, eventualmente, atingir a iluminação. A enteléquia é, em última instância, a razão de ser do progresso, pois está contida no início e no transcurso de qualquer atividade. Isto o Positivismo não pode denegar nem indeferir.

A *Pedra Filosofal* é sabidamente a meta preliminar do alquimista. Ela, na verdade, encontra-se na própria matéria-prima negra, malcheirosa, de aspecto realmente repugnante; mas pela *Arte* com *Arte* e sob os auspícios exclusivos da *Arte*, passará de potência a ato. Esse é o fundamento filosófico que norteia e ampara toda a Ciência e Filosofia Alquímicas. Sob este prisma, os conceitos de ato e de potência são perfeitamente válidos e verdadeiros.

Entretanto, antes de se adentrar no tema propriamente dito, é necessário que se recorde que na Antigüidade - particularmente no Egito - vidreiros, ceramistas, ourives, fundidores, esmaltadores estavam submetidos a juramento de segredo inviolável. E, assim, trabalhavam no interior dos templos, fazendo parte da casta sacerdotal e dependendo das ordens e da orientação dos sacerdotes. A hierarquia era rigorosamente observada. A própria arte do vidro não era divulgada até praticamente o século XIX. Esta e outras atividades eram transmitidas de boca a ouvido e, geralmente, apenas em família. Assim eram os costumes daqueles tempos. Quem sabia não ensinava. O silêncio era a regra de ouro que presidia o comportamento desses artistas.

Mas, da mesma forma que todas essas artes (técnicas) hoje se tornaram de domínio público, a Alquimia - quem sabe? - talvez, neste novo milênio que está nascendo, possa vir a interessar mais pessoas do que atraiu no passado. Haverá, contudo, dificuldades. O grande alquimista Fulcanelli levou mais de trinta anos para obter sucesso, e Bernardo Trevisano empenhou cinquenta e

seis anos de sua existência para realizar a *OBRA*. Obstinação, constância e perseverança!

Mas se é laborioso realizar a *OBRA*, pelo menos uma esperança há: *não há nada de oculto que não deva ser descoberto, nem nada de secreto que não deva ser conhecido*¹. Todavia, nessa matéria, há um único vocábulo regulador: *MÉRITO*. E uma única via para realização da *Obra*: *TRANSNOESIS*.

Porém, há um paradoxo desconsolador e desanimador: Alquimia não pode ser ensinada integralmente. Se a *OBRA* for passível de concretização, cada um deverá realizá-la individualmente. O auxílio só ocorrerá por intermédio de *chaves* e sutilmente. Pelo menos, isto é o que atestam todos os alquimistas, do passado e do presente. Contudo, acumulados os conhecimentos necessários, poderá o pesquisador passar, então, do domínio meramente teórico-especulativo para o das realizações: primeiro arquímicas e espagíricas, depois alquímicas. ***Da grande Obra pouco dizer, muito fazer, sempre calar.*** E o maior conselho que um velho alquimista deixou aos interessados na arte-ciência da Alquimia foi: *PACIÊNCIA, ESPERANÇA, TRABALHO*. Outro grande adepto do século XV, em carta a seu filho, recomendou: *a paciência é a escada dos filósofos, e a humildade a porta do seu jardim*. A ciência ou filosofia hermética - a Alquimia - é, em última e irreduzível instância, um Presente do Alto, e sua Luz Espiritual - convicção repetida por todos os adeptos - só poderá ser obtida por revelação. É quando se dá verdadeiramente a *AURORA DA VIDA*, porque, até então, tudo é noite, dúvida, erro e dissimulação. A presunção da posse de qualquer forma de conhecimento é, sob um prisma, parcial; sob outro, ilusória. A própria realização da *OBRA* não é um fim em si mesmo. É através do adepto que a Divindade torna-se consciente de Si Mesma. E isto é mais um mistério da *GRANDE OBRA*.

Curiosamente, há mais de cem mil publicações sobre Alquimia; entretanto, só no século XX alguma atenção começou cientificamente a ser dada a esse multimilenar conhecimento. Se, no passado, acabou por se formar um coro polifônico contra a divulgação obscura da *OBRA*, e a Alquimia

terminou envolta por uma conspiração de silêncio, de desprezo e de ignorância, de 1940 a 1945 o Governo Americano comprou a peso de ouro todos os manuscritos e documentos alquímicos que conseguiu encontrar. Presumiam os cientistas americanos que os procedimentos alquímicos - a Alquimia Operativa - poderia produzir o que a física já conhecia como *campo de força*. E acabaram descobrindo, basicamente, que bastavam disposições geométricas adequadas de materiais de altíssima pureza para que as radiações nucleares fossem desencadeadas. Alamogordo primeiro; Hiroxima depois. Como disse Oppenheimer, em 1955, a ciência havia tomado *contato com o pecado*. Na verdade, o que ela fez foi parir um monstro. Assim, a primeira pista que a Alquimia parece deixar evidente a todos os interessados, é que as operações da OBRA, por caminhos simbólicos, labirínticos e profundamente crípticos, intentam chegar ao *SVMMVM BONVM* do Universo, vale dizer, ao mais alto grau de pureza que a matéria oculta nas entranhas de sua estrutura. Há um **Princípio, uma Palavra, um Verbo**... Há um aparente nada que é tudo escondido no meio de todas as coisas em processo lento de desocultação. Pelos caminhos da *Arte* - ponderam os alquimistas - o desencobrimento acontece de forma mais acelerada. O calvário é *apressado* e a noite negra *abreviada*. Todavia, a primeira chave que abrirá o sacrário da OBRA só será alcançada no tempo próprio, quando o mérito do postulante for absoluto e irretocável, e sua vontade inquebrantável.

A Alquimia, cuja meta última é a transmutação do próprio Alquimista e o conseqüente acesso a um estado superior de consciência, em 1945, teve na transmutação nuclear produzida pela bomba que arrasou as duas Cidades Japonesas, confirmadas as preocupações dos Filósofos da Arte. Talvez, porque, geração após geração, por uma cadeia ininterrupta de iniciados, tenham guardado na memória fatos históricos similares aos que ocorreram em Hiroxima e Nagasaki.

Se, como advertem os alquimistas, as práticas da Arte dão suporte a uma ascese interior, o produto final, no tempo adequado, será a libertação do mais sutil, a ultraconsciência e a reintegração assintótica na Unidade. Toda a

filosofia alquímica resume-se na sabedoria: ***Omnia ab unum et in unum omnia*** (*Tudo provém da Unidade e a Unidade contém tudo*).

Já a física nuclear, voltada para aplicações militares, colheu seu mais espetacular sucesso durante a Segunda Grande Guerra, destruindo, como se recordou, duas Cidades, incapacitando e matando milhares de seres humanos, comprometendo diversos sistemas ecológicos japoneses e poluindo criminosamente a atmosfera. A devastação foi total. Na atualidade, este foi o exemplo maior do que se poderia denominar de antialquimia.

Mas essa loucura irresponsável não sensibilizou os governos. A guerra fria só fez impulsionar a corrida armamentista ao limite do inconcebível. E mesmo com a desejada suspensão das hostilidades entre os dois principais blocos de força da Terra, os resultados não foram suficientemente efetivos. Em 1989 afundou, perto da Ilha do Urso, no Mar na Noruega, um submarino nuclear da ex-União Soviética - o Konsomoletz - equipado com dez foguetes, armados, cada um, com ogivas de duzentos quilotons. A bomba que arrasou Hiroxima tinha doze quilotons de potência. Portanto, utilizando-se cálculos elementares de matemática, conclui-se, imediatamente, que só o Konsomoletz possuía uma capacidade de destruição cento e sessenta e seis vezes superior à da bomba que explodiu em Hiroxima. Esta comparação foi necessária porque ambas, Alquimia e Física Nuclear, no que tange à operacionalidade, manipulam forças e campos semelhantes, além do que, o produto final é sempre duplo nos dois casos: material e energético. O que não se pode deixar de observar também, é que, enquanto a Alquimia serve-se da transmutação no sentido último de operar uma mudança ascensional, enquanto que interna, no próprio Alquimista-iniciado, tendo por objetivo o bom, o belo, o bem e a união consciente com o Todo Cósmico, as técnicas nucleares, quando direcionadas para o militarismo, produzem exatamente o oposto: o mal, a desgraça, a aniquilação, a conspurcação ambiental, o desequilíbrio ecológico, as mutações genéticas e suas várias conseqüências - numa palavra - morte. Por isso, parece ficar evidente que, enquanto a *Arte* opera na vida com vistas à *VIDA* (*opus naturæ*), a utilização das forças nucleares voltadas exclusivamente para o campo militar (*opus mechanicæ*) movimenta forças incontrolláveis e

irredutíveis que, se e quando liberadas, destroem a vida. Mas, se se generalizar a todos os campos, o progresso da ciência, particularmente neste último século, acabou por fazer do ser humano escravo ou vítima: escravo em tempos de paz; vítima em períodos de guerra. Escravo e vítima de sua vaidade, de sua ignorância, de seu egoísmo e de sua superlativa prepotência. Submisso, enfim, à servidão que orquestrou.

No campo específico da Tecnologia Nuclear, orientada para fins militares, só há uma alternativa: desativar todos os artefatos bélicos existentes, e direcionar o conhecimento até agora adquirido e estocado para a confecção de produtos civis. As possibilidades são quase ilimitadas, e esta é a única escolha moral concertada para solucionar esse gravíssimo e aterrorizante problema. Em médio prazo, talvez seja possível reverter a insegurança à qual está submetida a sociedade contemporânea, e impedir que o efeito devastador dessas incalculáveis bombas, se detonadas, venham a, mais do que destruir o Planeta, comprometer todo o Sistema Solar e possivelmente a Galáxia, na qual o ser humano, como hoje é conhecido, vive suas experiências, e cujos segredos ainda não desvendou e não compreendeu na sua integralidade. Em outra etapa da humana ascensão, a sociedade conhecerá outros tipos de energia (além de já ter então utilizado substantivamente outras formas alternativas de energia como, por exemplo, eólica, das marés, solar, lunar, dos gêiseres etc.), e a fissão nuclear já então estará obsoleta e os reatores nucleares terão sido desativados. A humanidade certamente virá a acessar novas e mais poderosas formas de energia que não deixam resíduo (limpas) e não comprometem o ambiente. E toda tecnologia haverá de utilizar apenas meios e métodos limpos de operação, que não induzem a efeitos colaterais comprometedores da harmonia planetária, galáctica e universal. Não é o caso, certamente, também, da fusão nuclear.

A quanta fome e a quanta miséria se assiste nos quadrantes do Astro Azul, por utilização indébita dos recursos naturais e pela inconveniente e inadequada manipulação das forças nucleares que, se tivessem sido direcionados para o Leste da existência, teriam colocado toda a humanidade já

em outra esfera de possibilidades. Só no Leste está a Verdadeira Luz e o Sol Inexaurível.

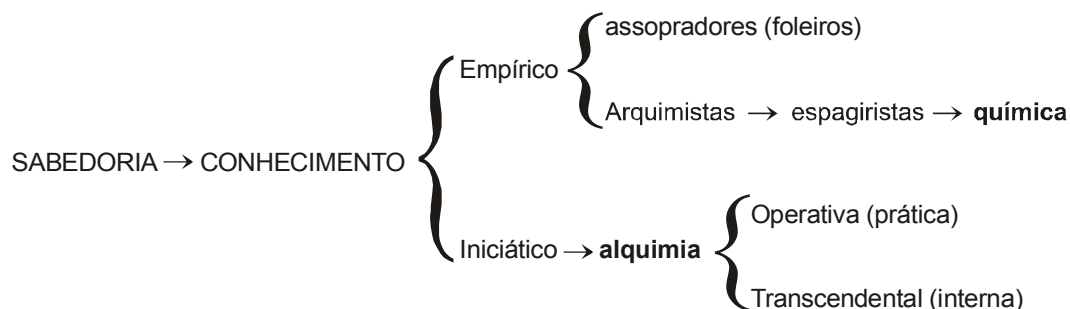
Recentemente (maio de 1998) a Índia, unilateralmente, realizou novos testes nucleares, pondo em risco o equilíbrio de seus próprios ecossistemas, dos países vizinhos e, por extensão, do Planeta. Com que intenção o Governo de Nova Deli autorizou tais experiências? Segurança? Depois de vinte e quatro anos? Inconcebível! E a expansão da OTAN no Leste Europeu, a que grupos poderão servir? Acredita-se que só aos fabricantes de armas. À humanidade, é óbvio, caberá pagar a conta de um imprevisível confronto entre Paquistão e Índia ou entre a própria OTAN e algum país da região. A Coreia do Norte também tem demonstrado interesse no desenvolvimento militar em bases nucleares. A desconfiança e a ausência de solução definitiva para o conflito árabe-israelense é mais um exemplo de perigo à paz mundial. Kosovo, África, Oriente Médio, Afeganistão, Iraque, Colômbia, Balcãs e Timor Leste são mais alguns poucos exemplos da insanidade humana.

ALQUIMIA – A ARTE SAGRADA

A Arte Sagrada ou Sacerdotal herdada dos egípcios - e conhecida como alquimia - foi, de todas as ciências, a que mais esteve em voga na Idade Média, tendo se alastrado no Ocidente por três vias principais: bizantina, mediterrânea e hispânica. Inclusive muitos padres católicos pertencentes a diferentes ordens monásticas e alguns Papas por ela se interessaram. Santo Tomás, dentre muitos, foi um deles. O Papa João XXIII, que era um iniciado e membro da Igreja Joanita, foi outro. E João XXII - o Papa Alquimista – possuía um anel ornado com a gema hermética com os seguintes dizeres em língua latina: **NE LA TERRA NE IL CIELO VIST HA PIU BELLA.**

Várias etimologias foram atribuídas à palavra Alquimia. Todas elas, entretanto, não correspondem ao seu real significado, mesmo que se possa chegar a uma definição com base em técnicas metalúrgicas. Segundo Fulcanelli em *As Mansões Filosóficas, ... o nome e a coisa se baseiam na permutação da forma pela luz, pelo fogo ou pelo espírito*².

Para se compreender que tipos de relações há entre a Química e Alquimia, propõe-se abaixo um esquema simples e explicativo, no qual as duas ciências aparecem originárias de vertentes distintas:



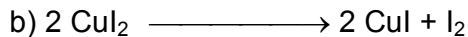
Esquema 1: Origem da Química e da Alquimia

A Química é uma ciência que se apóia em fatos; já a Alquimia sempre operou com as causas, tendo sempre buscado na Filosofia Hermético-Iniciática uma direção segura, que permita ao Filósofo da Arte entrever e conquistar a **CONSCIÊNCIA CÓSMICA** através das trevas da matéria. Já é tempo, afirmou Fulcanelli no princípio do século XX, de *...dirigir as nossas pesquisas para o animador desconhecido, agente de tantas maravilhas*³.

Fulcanelli e J. Duclaux, pensadores contemporâneos, põem à prova a lógica positivista da Química e o raciocínio empirista que a sustenta, com exemplos simples (que à luz da razão multiplicam-se ao infinito) inexplicáveis até os dias que correm. Refletir sobre as observações abaixo será, certamente, profundamente revelador:

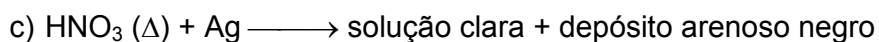
a) $2 \text{H}_{2(g)} + \text{O}_{2(g)} \rightarrow 2 \text{H}_2\text{O}_{(l)}$. Como explicar que o produto obtido - água - não possua nenhuma propriedade dos reagentes que o produziram? Por que a água, ao se solidificar, cristaliza-se sempre no mesmo sistema? Por que hidrogênio e oxigênio são inertes um na presença do outro, a reação química só se operando pela interveniência do fogo, de uma faísca elétrica ou de um corpo incandescente? O FOGO...

decomposição



espontânea

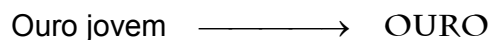
Como explicar a decomposição espontânea do iodeto cúprico, sendo o iodo um oxidante e o iodeto cuproso um redutor? Esta decomposição é inexplicável. Se se tentar justificar o fenômeno buscando apoio no conceito de *entalpia*, fica-se só na observação empírico-numérica.



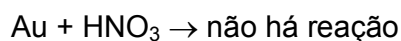
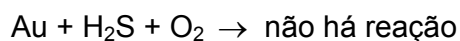
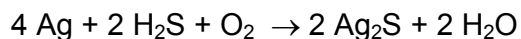
depósito arenoso negro + água régia \rightarrow solução amarelada semelhante ao cloreto áurico;

solução de cloreto áurico + lâmina de zinco \rightarrow ouro jovem ou nascente depositado na lâmina de zinco.

confirmatio



Como clarificar e justificar que a prata pura, mediante um processo elementar de laboratório, possa ser transmutada em ouro (nascente)? A química jamais conseguirá explicar este fenômeno porque é quimicamente inexplicável. Admitir que este ouro jovem seja um estado alotrópico da prata seria um equívoco, pois ele é incombinável com o sulfeto de hidrogênio ou com o ácido nítrico. Este ouro é apenas menos denso do que o ouro natural; entretanto é mais pesado do que a prata. Entretanto, este ouro não é alquímico. É **arquímico**. Assim:



Os exemplos acima são meramente químicos, espargíricos ou arquímicos. A Alquimia é outra coisa. A Alquimia operativa é, na verdade, coisa bem diferente, atestam os Adeptos da Arte. Ainda que usem procedimentos corriqueiros de laboratório químico, certas fases do processo passam por instâncias herméticas que só os Iniciados na Arte conhecem e não as divulgam a preço de nada. Um exemplo é a radiação lunar (luz polarizada), utilizada em algum ponto da GRANDE OBRA sobre as substâncias então já preparadas e sujeitas à sua ação. Outro exemplo é o fogo. Vulgarizado pela ciência, encerra uma essência espiritual desconhecida ou pelo menos esquecida. Que pretendeu São João Batista com sua famosa frase a seguir resumida: *Eu Vos batizo na água... Ele Vos batizará no Espírito Santo e no Fogo*⁴. A regeneração última da Natureza só se pode operar pelo FOGO, pelo *BATISMO DO FOGO*.

A própria luz - no entender de Fulcanelli - é um fogo rarefeito e espiritualizado. A produção sintética do cloreto de hidrogênio ou gás clorídrico ($H_2 + Cl_2 \rightarrow 2 HCl$) é irrealizável no escuro. Basta, entretanto, submeter o recipiente que contém os gases reagentes à luz difusa, que a reação efetua-se a pouco e pouco. Mas se os gases são expostos à luz solar direta, a reação é violentamente explosiva. A este fenômeno os químicos denominam catálise.

Ao se partir um torrão de açúcar no escuro, observa-se saltar uma faísca azul. Tal luz, não expressa na fórmula química da sacarose, estava reconditamente escondida na estrutura cristalina da sacarose.

O próprio Sol - sustentam os alquimistas - é um astro frio e seus raios são escuros. A luz e o calor provêm do choque das radiações solares (frias e escuras) contra os gases da atmosfera terrestre. A explicação hermético-alquímica oferecida por Fulcanelli é:

...a oposição ao movimento vibratório, a reação, não são mais do que as causas primeiras de um efeito que se traduz pela libertação dos átomos luminosos e ígneos do ar atmosférico. Sob a ação do bombardeamento vibratório, o espírito, liberto

do corpo, reveste-se para os nossos sentidos das qualidades físicas características da sua fase ativa: luminosidade, brilho, calor⁵.

É, portanto, a exclusão desse espírito que as ciências em geral, positivisticamente, não admitem ainda de forma generalizada, que as privam do *caráter filosófico* que sempre possuiu a antiga Alquimia. Comparando a Química (e tal comparação pode ser estendida a todas as outras ciências) com a Alquimia, Fulcanelli ponderou:

Positiva nos seus fatos a química permanece negativa no seu espírito. E é isso precisamente o que a diferencia da ciência hermética, cujo domínio próprio compreende principalmente o estudo das causas eficientes, das suas influências, das modalidades que elas afetam segundo os meios e as condições. É esse estudo, exclusivamente filosófico, que permite ao homem penetrar o mistério dos fatos, compreender a sua extensão, identificá-lo por fim com a Inteligência Suprema, Alma do Universo, Luz, Deus. Assim, a alquimia, indo do concreto ao abstrato, do positivismo material ao espiritualismo puro, alarga o campo dos conhecimentos humanos, das possibilidades de ação e realiza a união de Deus e da Natureza, da Criação e do Criador, da Ciência e da Religião⁶.

Por outro lado, a luz oriunda do Sol possui freqüências vibratórias ainda desconhecidas da ciência contemporânea. Certamente, não foi por acaso que Akhnáton escolheu o Sol como símbolo do Deus Único. A Lua, assim, reflete, polarizadamente, a luz do Sol e de outros astros para a Terra. A Lua, sob certo aspecto e em determinado sentido, funciona como PEDRA FILOSOFAL CÓSMICA.

Há um segredo nessa luz polarizada que só os alquimistas conhecem. Nesse sentido, tanto a luz solar quanto a luz lunar são importantíssimas e indispensáveis para a vida (e para a Vida) na Terra. Se, por um lado, operam no plano físico da existência de todas as coisas, operam, outrotanto, em campos nos quais o humano saber ainda não teve ingresso

generalizadamente. O próprio orvalho é de fundamental aplicação na OBRA. No cérebro...

Assim, a palavra impossível é contrária ao espírito científico, tanto quanto à especulação filosófica. O verdadeiro pesquisador tem confiança no futuro e não denega o progresso. A ciência contemporânea está chegando a conclusões que a Antigüidade sabia desde sempre: A UNIDADE DA SUBSTÂNCIA, BASE INVULNERÁVEL DE TODA A FILOSOFIA HERMÉTICA. E DA INICIAÇÃO.

Por isso, Química e Alquimia são diferentes. Algumas páginas atrás se mostrou que do conhecimento empírico duas ramificações podem ser distinguidas: a) assopradores; e b) arquimistas e espagíricos.

Assopradores (ou sopradores) eram charlatães, bruxos, truões, pessoas, enfim, desinformadas, incultas, alheias e descomprometidas com a Tradição Iniciática e Alquímic, que, tendo ouvido falar da Arte, tentavam por todos os meios (lícitos e ilícitos) obter ouro por transmutação. Segundo os relatos coligidos, nunca lograram êxito nessa empreitada. Pensa-se, erroneamente, que foram dessas experiências temerárias, aleatórias e infundadas que nasceu a Química. Ledo engano. Foram os arquimistas que forneceram, primeiro aos espagiristas, e estes à Química moderna, os métodos e o conhecimento que progrediram até a contemporaneidade. A alquimia, em parte, perseguia o que a Alquimia sempre considerou subproduto de sua *Arte* e de valor irrisório (ouro), mas só dispunha de meios químicos e materiais. Espagiristas (ou espagíricos) eram metalurgistas, ourives, vidreiros, tintureiros, destiladores, oleiros, pintores, ceramistas, esmaltadores, que, para desempenhar seus ofícios, tinham conhecimentos suficientes de espagíria. Nem os arquimistas nem os espagiristas chegaram a conhecer os segredos da Tradição, nem produziram ouro pela Arte Alquímic.

Contudo, pela alquimia - que os desavisados costumam confundir com Alquimia - é possível transmutar um metal próximo ao ouro na Classificação Periódica dos Elementos - a prata, por exemplo - no precioso metal. Como é possível, igualmente, exaltar o ouro de diversas maneiras como, por exemplo,

fundindo-o com três vezes o seu peso de cobre e, posteriormente, como afirma Fulcanelli, decompondo a liga reduzida a limalha em presença de ácido nítrico fervente. São Vicente de Paulo, o piedoso filantropo do século XVII, conheceu de perto os segredos espagíricos, que aprendeu no seu cativeiro em Tunes, com um velho médico espagírico. **Arquimicamente**, segundo o teor de duas epístolas (a primeira de 24 de junho de 1607, e a segunda de 1608, ambas endereçadas ao Sr. De Comet, advogado no Tribunal Presidial de Dax), São Vicente produziu ouro por transmutação espagírica, o que, talvez, explique as numerosas obras filantrópicas que realizou, que atingiram, na época, alguns milhões de francos-ouro. Todavia, por conhecer o gênero humano, o Santo Católico precaveu-se de divulgar a ordem e maneira de operar o processo transmutatório. S. Vicente, ao que tudo parece indicar, todavia, não foi efetivamente iniciado na Alquimia e, portanto, não foi um Alquimista⁷. Mas foi um Santo Homem devotado à humanidade. É o que basta.

Fulcanelli, no capítulo *Alquimia e Espagíria* da sua monumental obra *As Mansões Filosóficas*, ensinou vários passos do processo de transmutação arquímica. O êxito das operações pode ser verificado por qualquer pessoa que se disponha a executá-la. Advertiu, no entanto, que o ouro obtido é o que os Alquimistas denominam de *ouro nascente*, menos denso do que o ouro natural. Pela *maturação* ou *consolidação*, esse *ouro* adquire a densidade própria (elevada) do metal *adulto*. Mas, aconselham os Alquimistas, aqueles que pretenderem realizar a OBRA (***Opus Magnum***) por disgestões, triturações, diluições, destilações, calcinações, fusões e sublimações vulgares, estão fora do *Caminho*. Não se pode esquecer de que a Alquimia é parte de uma Ciência Iniciática, não a Ciência Integral em si, e, portanto, não se esgota em si mesma. É preciso ter tido acesso às suas chaves e saber decifrar sua linguagem metafórica, para se postular sucesso na Arte e imanência atemporal consciente. É necessário, segundo os Alquimistas, mais do que isso, ou seja, ser um INICIADO; e, mais do que tudo, para alcançar esse conhecimento superior, ser merecedor e provar eticamente de que é capaz, sob juramento, de manter inviolável esse saber, bem assim não utilizá-lo de maneira vil, egoísta ou profana. ***NINGUÉM O RECEBE SE NÃO COMBATEU SEGUNDO AS***

REGRAS. E sempre haverá de ser feita a vontade do Mestre, jamais a do postulante. Portanto, antes de tudo: HUMILDADE.

Por outro ângulo, os hermetistas sabem que *Virtvti Fortvna Comes. A Ventura acompanha a Virtude*. Não é, entretanto e obviamente por isso, que são virtuosos. Esse incontestável Axioma, aplicável alquimicamente à secreta virtude do *Mercúrio Filosófico*, é, *mutatis mutandis*, aplicável à vida do neófito, depois à do adepto e, finalmente, à do hierofante. Constitui-se em uma das regras filosóficas que, nesse plano de cogitação, não admite qualquer tipo de contra-argumento nem mesmo de contradição.

Na Arte Alquímica são vários os símbolos utilizados para expressar os diversos princípios e métodos. A dualidade ou polaridade cósmica é geralmente representada pelos pares enxofre e mercúrio, homem e mulher, rei e rainha, noivo e noiva, leão e leoa, vermelho e branco, e também pelo sol e pela lua. A tríade é simbolizada pelo enxofre, pelo mercúrio e pelo sal. O quaternário, pelo fogo, pelo ar, pela terra e pela água. O Alquimista, durante os passos que o conduzirão à recompensa final (*Digna Merces Labore, Trabalho Dignamente Recompensado*), sabe que o calor do fogo é temperado pela friúra do ar, e a secura da terra é neutralizada pela umidade da água. Sabe também que os quatro elementos e essas quatro propriedades estão relacionados conforme abaixo são apresentados:

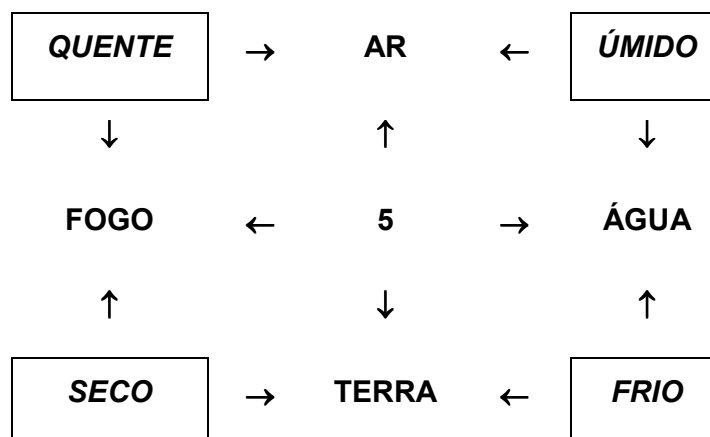


Figura 1: Formação dos Quatro Elementos

Na Idade Média a ARTE foi comparada a um ovo, no qual quatro instâncias estão unidas: a casca é a terra; a clara é a água; a membrana entre

a casca e a clara é o ar; e a gema é o fogo. O quinto elemento ou *QUINTESSÊNCIA* é o pintainho. O núcleo embriônico é, em Alquimia, comparado ao sol nascente e ao *LAPIS*. A fecundação não é ela própria Alquímica? Pedra... Vegetal... Animal... Homem... É isto que está em vigência nesta Quinta Raça-raiz desta Quarta Ronda. Mas, na Sétima Raça-raiz da Sétima Ronda...

A dualidade, princípio macho e virtude fêmea, unida segundo regras secretas, forma alquimicamente o *andrógino*, o *hermafrodita* ou o *Espelho da Arte*. Essa substância, segundo Fulcanelli, é a base e o *fundamento da GRANDE OBRA*. É a *PEDRA DOS FILÓSOFOS* (ou *TERRA FILOSOFAL*), na qual, originariamente, os quatro elementos estão presentes, entretanto, de forma confusa e desordenada. Essa desordem, todavia, existente na *PEDRA DOS FILÓSOFOS (MATÉRIA FILOSÓFICA)* encontra-se coesa, porque há um consórcio energético entre o fogo e o ar, que é absolutamente necessário para a reunião do *enxofre* (terra) e do *mercúrio* (água). Entretanto, é da terra que o alquimista fará aparecer o FOGO que atuará sobre a água para que a OBRA seja levada a bom termo. Esse FOGO é, alquimicamente, de outra ordem, e só aparece no transcurso das primeiras manipulações. Assim, o enxofre é terra num sentido; em outro, é FOGO (INTERNO). E esse FOGO INTERNO aparece e é excitado pelo fogo externo no crisol alquímico. *Esse espírito imortal flutuará sobre as águas caóticas*, até que um novo corpo seja formado⁸. A *MATÉRIA FILOSÓFICA* - a base primeira do labor alquímico - encontra-se no reino mineral; é, assim, de *origem mineral e metálica*. Dessa matéria-prima leprosa (o nada que contém tudo) é extraído o *mercúrio* (o *LOUCO DA GRANDE OBRA*). É ele o *jazigo* e a *raiz do ouro*. Do *mercúrio*, com o *mercúrio* e pelo *mercúrio* a *Obra* é iniciada, terminada e multiplicada. O *enxofre* é o fogo sagrado dos sábios. *EU SOU A VIDA; EU SOU O PÃO VIVO; EU VIM PÔR FOGO NAS COISAS*.

... na elaboração do mercúrio, nada poderia substituir o **fogo secreto**, esse princípio suscetível de o animar, de o exaltar e de

*fazer corpo com ele, depois de o ter extraído da matéria imunda*⁹. (grifo meu).

O *enxofre* é extraído, por sua vez, sob o aspecto de um *pó seco*, que nessa forma é inútil, mas que sem ele nada pode ser feito, sendo, por isso, insubstituível. Na prática alquímica todas as lavagens são ígneas, e todas as purificações são feitas *NO FOGO, PELO FOGO E COM O FOGO*. E para levar a termo a *Obra de Prata* o *enxofre* a ser empregado deve ser **branco**; para a *Obra Solar*, o **amarelo**. Confirmando, no Castelo Damprère, em Coulonges-sur-l'Autize, informou Fulcanelli, entre várias inscrições sobre a *Obra*, há uma que particularmente se refere ao *enxofre*: ***Nec Te Nec Sine Te. Não Tu, mas Nada sem Ti.*** Assim, preliminarmente, deve ser entendido que, na Arte Alquímica, o filósofo opera tendo por meta a obtenção dos dois *princípios metálicos* (naturezas primeiras) com os quais a OBRA começa, perfaz e acaba. São os gênios sulfuroso (o fogo) e mercurial (vinho dos filósofos) unidos na substância caótica original (a *PEDRA DOS FILÓSOFOS*). *Enxofre* e *mercúrio* são, pois, os *Pais da Pedra*. O terceiro corpo - o *Sal* - é o resultado da união dos dois princípios, e nasce da destruição recíproca desses dois princípios. O *Sal* - e por extensão a própria *Pedra Filosofal* - nasce da ruína de duas naturezas contrárias. É o aparecimento do terceiro ponto do triângulo: dois princípios produzindo um terceiro. Nas palavras do axioma clássico de Sêneca: ***Nascendo Quotidie Morimur. Nascendo, cada dia morremos.*** Por outro lado, sabem e afirmam os Adeptos que se o *mercúrio* não morrer não renascerá jamais. Ou como disse Jesus: *Em verdade vos digo: se o grão de trigo não morrer depois de o deitarem à terra, ficará só; mas, se morrer, dá muito fruto*¹⁰. Também sob outro enfoque, para que possa tingir, o *mercúrio* precisará primeiro ser tingido. O *Sal* não se constitui ele próprio em um princípio; antes é consequência da união do princípio ativo (*enxofre*) com o princípio passivo (o *mercúrio* - a *LUA DOS SAPIENTES*). A GRANDE OBRA é, em todos os sentidos, um resumo da OBRA DIVINA, cujo trabalho permanente se constitui na purificação sucessiva do *mercúrio*, tendo por objeto a obtenção da *PEDRA FILOSOFAL*. Sobre a *PEDRA FILOSOFAL - GRANDE CERA VERMELHA* - Fulcanelli comentou:

... a pedra filosofal se nos oferece sob a forma de um corpo cristalino, diáfano, vermelho quando em massa, amarelo depois de pulverizado, o qual é denso e muito fusível [funde a 64°], embora fixo a qualquer temperatura, e cujas qualidades próprias o tornam incisivo, ardente, penetrante, irredutível e incalcinável. ... é solúvel no vidro em fusão, mas se volatiliza instantaneamente quando é projetado sobre um metal fundido¹¹.

Continuando a confirmar a presença do ternário na Filosofia Alquímica, e sabendo que o *enxofre* representa o *fogo*, e por isso é o Pai, e é simbolizado pelo hieróglifo (Δ), e que o *mercúrio* também representa a *água*, e por isso é a mãe, e tem por símbolo o mesmo hieróglifo invertido (∇), após o combate no matraz alquímico entre esses dois princípios, cessam as efervescências. Tudo se torna calmo. Céu e Terra se unem. A sobreposição dos dois triângulos representa este altíssimo conceito hermético expresso pelo *Selo de Salomão*, que tem por símbolo a *Estrela* do mesmo nome. O Emblema Salomônico, por outro lado, indica, outrossim, a indissolubilidade dos quatro elementos, que estiveram presentes no começo, e estarão presentes no fim do **Magistério Alquímico**, sob outra dimensão, qualidade e potência.

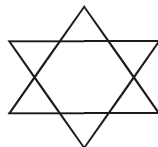


Figura 2: Selo de Salomão

Este é o significado das *bodas químicas* ($\Delta + \nabla$), consórcio místico do irmão e da irmã - de Apolo e de Diana (gêmeos herméticos filhos de Latona e pais da *Pedra*).

A Lei do Triângulo também não aparece no mistério $\♂ + ♀ \rightarrow \odot ?$

Recordando-se que o *mercúrio* representa a água, a Alquimia opera no sentido de realizar a *CONCÓRDIA* entre o fogo e a água. Sendo o *mercúrio* a matéria verdadeira sobre a qual os Adeptos se debruçam e laboram, dentre as intermináveis e incontáveis passagens bíblicas e figurações mitológicas,

passa-se a compreender, por exemplo, o sentido oculto e hermético do ato de Moisés - e mais tarde repetido por Jesus - que ao ferir o rochedo Horeb três vezes (matéria passiva) dele fez jorrar água pura. Este *gesto* equivale à separação do trigo do **joio**. Inicialmente, é o **joio** que deve ser transmutado no interior do aprendiz.

Mas a verdade verdadeira, oculta em todos os tratados sobre Alquimia, é que o vero mercúrio sobre o qual aplicaram e aplicam aturados esforços todos os adeptos, é um *SEGUNDO MERCÚRIO*, obtido do primeiro. Há, portanto, uma interação, iterada e hermética, primária entre o *fogo* e a *água* que produz o *sal (água ígnea ou fogo aquoso)*, dissolvente utilizado na preparação do *mercúrio filosófico*, que produzirá, ao fim e ao cabo de tanto labor, a tão almejada *PEDRA FILOSOFAL*. Esse é o segredo da *MAGNA OBRA*. Entretanto, não pode ser esquecido jamais, advertiu Fulcanelli, que, na base de todo o trabalho, só existe um *mercúrio*, e o segundo deriva obrigatória e necessariamente do primeiro. O segundo *mercúrio* é por isso conhecido como *Mercúrio dos Sapientes, Sal Celeste ou Sal Florido*. ***In Mercurio est quicquid quae runt sapientes. No Mercúrio está tudo o que buscam os Sapientes.***

Mas é preciso, então, agora, ser explicado o que efetivamente a Alquimia pretende. Os adeptos, em verdade, procuram, através de técnicas herméticas, realizar a *MEDICINA UNIVERSAL* e o *PÓ DE PROJEÇÃO*. A *LUZ INEXTINGUÍVEL* aparece no segundo estágio das operações herméticas. A *MEDICINA UNIVERSAL* é a *PEDRA FILOSOFAL* propriamente dita. Solúvel em qualquer licor, apesar de não possuir um único átomo de ouro, é conhecida pelos alquimistas como *OURO POTÁVEL*. Essa *Medicina*, segundo todos os Filósofos da Arte, tem excepcional valor curativo, auxilia a conservar a saúde e a prolongar a vida e tem ação particular sobre os vegetais. A *LUZ INEXTINGUÍVEL* é a substância fundamental das *Lâmpadas Perpétuas*. O *PÓ DE PROJEÇÃO* é obtido pela fermentação da *MEDICINA UNIVERSAL* com ouro ou prata, que é a terceira forma da *PEDRA*, e próprio, exclusivamente neste caso, para a transmutação metálica. São três assim as formas nas quais a *PEDRA ALQUÍMICA* pode se

manifestar. Deve-se acrescentar, ainda, que autores muito antigos, afirmam que é possível, sob efeito de uma têmpera progressiva, transformar cristal em rubi e quartzo em diamante.

Resumindo até o presente ponto o que foi revisitado sobre a Arte Hermética, pode-se observar que o número completo da *Obra*   o 10 (**X**), ou seja: **Unidade** (*Pedra dos Filósofos*), **Doas Naturezas** (macho e fêmea), **Três Princípios** (enxofre, mercúrio e sal) e **Quatro Elementos** (terra, água, ar e fogo). Numericamente tem-se: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$. Por redu o **UM**. Este *segredo*, pode-se inferir, era já preconizado por Pitágoras. Mas como teria chegado a conhecê-lo? Egito e Babil nia talvez tenham sido as chaves. Talvez seja o momento apropriado de afirmar que Pitágoras era um Mestre Ascensionado da **G.:L.:B.:**, atualmente conhecido no âmbito das fraternidades esotéricas como MESTRE KUT - HU - MI, O ILUSTRE – AMADO HIEROFANTE DA ORDEM ROSACRUZ - AMORC.

Outros aspectos numéricos do *Magistério* (hermético) são as vinte e uma opera es que a *OBRA* impõe para a obten o da *PEDRA*. E aqui aparece o dado de jogar *escondendo* (?) um significado esotérico específico. A sua figura geométrica   a de um cubo, portanto, com seis faces, com os algarismos dispostos da forma abaixo, e cuja soma   *SETE*:

1 2 3

6 5 4

O próprio cubo designa a *PEDRA FILOSOFAL*, mas para ser obtida são necessárias *três repeti es sucessivas da mesma série de sete opera es*, que corresponde, a vinte e uma opera es, ou seja, a soma dos seis números que compõem o dado ($1 + 6 + 2 + 5 + 3 + 4 = 21$). **SETE   LEI SETEN RIA UNIVERSAL**. As 7 (sete) opera es da *OBRA* podem ser entendidas (alquimicamente) como segue:

1  passo: **calcina o** - transforma o por a o do fogo;

2  passo: **sublima o** - o puro   separado do impuro;

3º passo: **solução** - a quente dissolve gorduras; a frio dissolve sais, substâncias corrosivas e corpos calcinados;

4º passo: **putrefação** - o vivo morre e o que está morto ganha nova vida (**Primeira Iniciação**);

5º passo: **destilação** - as águas, os líquidos e os óleos são sutilizados;

6º passo: **coagulação** - pelo fogo é fixa; a frio não o é; e

7º passo: **tintura** - o imperfeito torna-se perfeito. (**Iniciação Final**).

Na Biblioteca do Palais des Arts, em Lyon, há, informa o autor de *As Mansões Filosófais, um esplêndido manuscrito iluminado, executado no começo do século XVIII |contendo| vinte e uma figuras pintadas, representando cada uma as vinte e uma operações da Obra*¹².

O próprio baralho (das 78 Lâminas do Tarô foram suprimidas as 22 maiores e os 4 cavaleiros), formado por cinquenta e duas cartas de jogar divididas em quatro naipes, oculta, a juízo do autor deste trabalho, possivelmente, todos os princípios alquímicos que foram neste estudo resumidos até agora. Basicamente, pode-se entender que os quatro elementos estão representados pelos quatro naipes: **Espadas ou Gládios** (Ar, Leste, *Aquarius*, Branco, São Mateus, Saber); **Ouros ou Pentáculos** (Terra, Sul, *Taurus*, Amarelo, São Lucas, Querer); **Paus ou Bastões** (Fogo, Oeste, *Leo*, Negro, São Marcos, Ousar); **Copas ou Taças** (Água, Norte, *Scorpius*, Vermelho, São João, Calar). Os quatro naipes podem, por outro lado, simbolizar as quatro Virtudes Cardeais - *Justiça, Fortaleza, Temperança e Prudência* - guardiãs da Tradição Alquímica e das ciências antigas. Podem aludir, outrotanto, às quatro estações térmicas da OBRA. O valete, a dama e o rei simbolizam os três princípios: enxofre, mercúrio e sal. Também podem remeter às três Virtudes Teológicas que todo postulante deve possuir para começar, prosseguir e concluir o *MAGISTÉRIO*: Fé (Confiança), Esperança, Caridade. As cartas de ás a dez patenteiam o número completo da OBRA, na qual o ás emblema a *PEDRA DOS FILÓSOFOS* ou *MATÉRIA PRIMEIRA*. As cores do baralho, negra e vermelha, sobre um fundo branco, indicam as

cores básicas que aparecem (não necessariamente nesta ordem) ao longo do *MAGISTÉRIO*. A cor amarela, quase imperceptível nas figuras, recorda a pedra pulverizada. Dois naipes pretos e dois naipes vermelhos têm a intenção de indicar que os quatro elementos acham-se reunidos na PEDRA DOS FILÓSOFOS, ainda que desordenadamente, dois a dois. Pode indicar, também, as duas *VIAS DA OBRA*: SECA e ÚMIDA. O baralho, finalmente, começando pelo ás (**VITRIOL**), completa, com a décima-terceira carta, o rei, o trabalho global da GRANDE OBRA. Se por um lado o rei exprime o andrógino alquímico inicial, por outro designa a androginia última, que é a própria PEDRA FILOSOFAL, e meta de todo Alquimista. Por último, o número de cartas do baralho, por redução, é igual a *SETE* ($52 = 5 + 2 = 7$). E assim o conhecimento iniciático é perpetuado. O perpetuamento da Tradição opera também no âmbito do aparente ilogismo.

Novamente os números. Ensina Fulcanelli que a via (úmida) dos pobres, dos simples e dos modestos para a preparação da PEDRA, obriga até nove meses de ininterrupto trabalho, e só requer **una re, una via, una dispositione**. *Uma matéria, um cadinho de terra refratária, um forno*. Os grandes mestres referiram-se a este labor como sendo semelhante a *trabalho de mulher e jogo de crianças*¹³. O ternário também está presente nas cores principais (conforme já se assinalou) que aparecem, **sucessivamente**, ao longo da OBRA: NEGRA, BRANCA E VERMELHA. Certa ocasião, em San Leo di Montefeltro, na Fortaleza na qual esteve encarcerado o Conde Alessandro di Cagliostro, um insólito visitante depositou sobre o leito duro de tábua na cela onde o *Mestre Desconhecido* padeceu ao *pé da tartaruga*, um maço de rosas amarrado com três fitas: *PRETA, BRANCA E VERMELHA*. Curiosamente, foi também em San Leo que Dante se inspirou para escrever os Cantos do Inferno! Preta, branca e vermelha são as cores da GRANDE OBRA. Preta, branca e vermelha são igualmente as cores iniciáticas da Tradição Martinista e Gnóstica. Três são os livros da Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso. No Paraíso o ser encontra paz e iluminação na rosa branca celeste iluminada pela *Luz de Deus*. As vinte e uma operações da OBRA (3 x 7), conforme se

aludiu anteriormente, reclamam, por outro lado, quatro estações de calor. Assim, a OBRA passa sucessivamente por quatro estágios crescentes de temperatura. Um erro térmico em um desses estágios porá a perder todo o trabalho até então ali desenvolvido. Mas, advertiu Filaleuto: interpretar que os quatro regimes do fogo (ou estados térmicos) representem o sentido exato que se possa ter do processo, proporcionará um equívoco intransponível. A cocção alquímica é *LINEAR*, ou seja, igual, constante, regular e uniforme. Os quatro estágios de calor referem-se à correspondência biunívoca entre *fogo* e *enxofre*. O *fogo* alquímico, como se disse, é de outra natureza. Por isso, *ENQUANTO O FOGO DURAR...* Como escreveu S. Paulo na sua Epístola aos Hebreus (XII, 29), *O nosso Deus é um fogo devorador. Donec Ervnt Ignēs.*

E poética e sabiamente testemunhou Fulcanelli:

Enquanto o fogo durar, a vida irradiará pelo Universo; os corpos submetidos às leis de evolução de que ele é o agente essencial, completarão os diferentes ciclos das suas metamorfoses até a sua transformação final em espírito, luz ou fogo. Enquanto fogo durar, a matéria não cessará de prosseguir a sua penosa ascensão para a integral pureza, passando da forma compacta e sólida (terra) à forma líquida (água), depois ao estado gasoso (ar) e ao estado radiante (fogo). Enquanto o fogo durar, o homem poderá exercer a sua industriosa atividade sobre as coisas que o rodeiam e, graças ao maravilhoso instrumento ígneo, submetê-las a sua vontade própria, ligá-las, sujeitá-las a sua utilidade. Enquanto o fogo durar, a ciência se beneficiará de extensas possibilidades em todos os domínios do plano físico e verá alargar-se o campo dos seus conhecimentos e das suas realizações. Enquanto o fogo durar, o homem estará em relação direta com Deus, e a criatura conhecerá melhor o seu criador...¹⁴ (grifo meu).

Já é, agora, chegado o momento de encerrar este incompleto, modesto, sucinto e provavelmente incorreto (não no todo, mas em algumas

considerações) estudo sobre a Alquimia, cujo objetivo é colocar o adepto em relação com Deus.

A Alquimia, como se viu, pode ser operativa (ou prática) ou transcendental. Em ambos os casos, só um iniciado - segundo os Mestres da Arte - pode ter acesso a esse antigo, mas sempre novo, conhecimento. Iniciados eram (e são) aqueles que buscavam (e buscam) a ILUMINAÇÃO INTERNA. E a senda para o alcançamento dessa iluminação, da qual os filósofos voltados para o tema sempre falaram, é interior. É no âmago do ser, no santuário sagrado e inviolável da consciência do ser, que haverá de existir a autêntica e insubstituível *CRISOPÉIA*. O Reino dos Céus está dentro, não fora. A PEDRA DOS FILÓSOFOS está em todos os lugares e em todos os seres vivos. Alquimicamente é representada pelo *VITRIOL (VISITA INTERIORA TERRAE RECTIFICANDO INVENIES OCCULTUM LAPIDEM)*, que deverá ser alquimizado em ouro filosofal. O Rei e a Rainha dormem no ser. Assim, pela Alquimia Interna, o neófito, percorrendo ascensionalmente os degraus da Justiça, da Fortaleza, da Temperança e da Prudência, encharcado de Fé (transracional), Esperança e Caridade, alcançará o Adeptado. Um dia - é o seu supremo ideal - será aceito como par dos Mestres. E será também Mestre. Seu ser terá sido, então, igualado ao Ser. Sua luz, agora é *LUZ*. Ele e o Pai (Mãe) realizaram a suprema androginia. O ser singular, agora andrógino, funde-se no e com o Todo. São *UM*. Contudo, esta é apenas uma etapa... Apenas mais uma etapa... Pois a reintegração é ilimitada... E assintótica...

Mas a caminhada, que levará o ser de *Malkuth* a *Kether*, é longa, árdua, solitária e dolorosa. Esse percurso está emblematicamente inscrito nos passos da OBRA que, a bem da verdade, quando concluída, só diploma o postulante no primeiro plano (*Malkuth*). As outras etapas (outros planos), salvo melhor conhecimento, quando muito, só podem ser vislumbradas ou intuídas, pois tais instâncias têm obrigatoriamente de ser vencidas e ultrapassadas uma a uma. O segundo degrau é obrigatoriamente *Yesod*. Assim, a sensação de unidade e a androginia referidas são, realisticamente, as realizações preliminares do ser

neste segundo plano vibratório da consciência em ascensão (*Yesod*), até, presumidamente (e que assim possa ser), a experiência derradeira e definitiva, ao mesmo tempo insubstituível e irrefragável de absorção integral no **Todo** (*Kether*), do qual nada no Universo esteve, está ou estará verdadeiramente afastado, isolado ou transcendentalmente separado. Mas acima de *Kether* há *Ain Soph*... Esse é, indubitavelmente, o Magistério dos Magistérios; o Segredo Secretíssimo a ser desvendado por todos os filhos do Pai. Todos estão convidados para a *ULTIMÍSSIMA CEIA* no inexistente tempo eviterno.

Mas qual será o objetivo da Alquimia Prática? Como se viu páginas atrás, a obtenção preliminar da *MEDICINA UNIVERSAL* - a própria *PEDRA* - e do *OURO POTÁVEL*, detentor de propriedades ainda desconhecidas da Medicina. Intermediariamente, o processo permite a obtenção da *LUZ INEXTINGUÍVEL*. E, por último, o *PÓ DE PROJEÇÃO*. Deve-se ter sempre em mente, contudo, de que a meta de todo iniciado é vencer o plano de *Malkuth* e ascender a *Yesod*, segundo *Sephirah* da Cabala, o Jardim das Hespérides. A *MEDICINA UNIVERSAL*, entre várias possibilidades, progressivamente transmutando o adepto, coloca-o - segundo as pesquisas coligidas - em um plano *transnoético de consciência*. A libertação de *Malkuth*, ÚNICO PLANO ONDE NÃO ESTÁ CONFIGURADA A ANDROGINIA, assim, poderá ocorrer, eximindo o Alquimista da *obrigação* de neste plano continuar a atuar *compulsoriamente*. Ao aprender todas as lições, será *diplomado* em *Malkuth*. Mas, voltar ao Mundo da Concretização - à **Caverna** - é um ato de misericórdia e de solidariedade que nenhum Iniciado Autêntico se recusa a exercitar. Geralmente, estes Iniciados retornam, incognitamente, para servir àqueles que estão nas sombras. Entretanto, geralmente, são execrados, caluniados, vilipendiados, perseguidos e desonrados. Sâr Alden sofreu todos os tipos de injúrias e de difamações por ter instalado o Segundo Ciclo de Atividades da Ordem Rosacruz - AMORC, no início do século XX. Sofreu, mas concluiu a obra, que Ralph M. Lewis (Sâr Validivar) deu prosseguimento. Presentemente, o Imperator Christian Bernard (Sâr Phenix) dá seqüência ao trabalho iniciado em 1909. No Brasil, o Grande Mestre Charles Vega Parucker tem a seus cuidados a Grande Loja da Jurisdição de Língua Portuguesa,

trabalho principiado com muito esforço por Maria A. Moura e alguns abnegados auxiliares.

Voltando à Alquimia, *LÂMPADAS PERPÉTUAS* que encerram a *LUZ INEXTINGUÍVEL* foram (e são) sinais deixados pelos Iniciados, com o fito de informar que a OBRA é possível. A *LUZ INEXTINGUÍVEL* produzida pelas *LÂMPADAS PERPÉTUAS*, segundo relato de Raymond Bernard, é uma forma de iluminação que, na verdade, não é eterna. Foi-lhe atribuído esse qualificativo porque dura muitos anos sem interrupção, mas, como tudo, tem um fim. O princípio baseia-se, por assim dizer, em uma espécie de *desintegração do átomo no vácuo*, todavia em escala infinitesimal. A claridade produzida por essa desintegração é, nesse sentido, *perpetuada no vácuo*. Uma anotação: **vácuo absoluto** não há. Registros há que quando essas lâmpadas se quebram, imediatamente a claridade - ou luz - extingue-se. Assim, uma pista que a Alquimia parece deixar aos pesquisadores é de que o processo operativo apóia-se em leis radioativas ainda desconhecidas, já que a física nuclear só conhece, até o momento, processos que não incluem exclusivamente operações que requeiram *uma matéria, um cadinho de terra refratária, um forno. Vitriol, Crucibulum, Athanor*. É no cadinho que o vitríolo morre para renascer, transmutado, espiritualizado, purificado. É no cadinho que a matéria-prima sofre a paixão semelhante a do próprio Cristo. É no cadinho que se opera o percurso cristológico de purificação, no qual são repetidas três vezes a mesma série de sete operações. É no cadinho que se resume e se replica a OBRA DIVINA, cuja meta é auxiliar a livrar o homem do medo e da dor.

Algumas transmutações historicamente registradas também tiveram essa sublime e superior intenção. Portanto, que fique claro - é o que insistem todos os adeptos - a Alquimia Operativa tem por finalidade principal a preparação da *MEDICINA*. Fulcanelli escreveu:

‘O sábio sabe apaziguar a sua dor’. O ramo de oliveira, símbolo de paz e concórdia, marca a união perfeita dos elementos geradores da pedra filosofal. Ora, esta pedra, pelos conhecimentos certos que traz, pelas

verdades que revela ao filósofo, permite-lhe dominar os sofrimentos morais que afetam os outros homens, e vencer as dores físicas, suprimindo a causa e os efeitos de grande número de outras, doenças.

A própria elaboração do Elixir mostra-lhe que a morte, transformação necessária, mas não real aniquilamento, não o deve afligir. Bem pelo contrário, a alma, liberta do fardo corporal, goza, em pleno impulso, duma independência maravilhosa, toda banhada dessa inefável luz acessível apenas aos espíritos puros. Ele sabe que as fases de vitalidade material e de existência espiritual se sucedem umas após outras, segundo leis que lhes regem o ritmo e os períodos. A alma só deixa o seu corpo terrestre para ir animar outro novo. O velho de ontem é a criança de amanhã. Os desaparecidos reencontram-se, os perdidos reaproximam-se, os mortos renascem. E a atração misteriosa que liga entre si os seres e as coisas de evolução semelhante reúne, sem eles saberem, os que ainda vivem e os que não existem já. Não há, para o verdadeiro iniciado, autêntica, absoluta separação, e a ausência, só por si, não lhe pode causar desgosto. Os seus afetos, ele os reconhecerá facilmente, embora revestidos de diferente invólucro, porque o espírito, de essência imortal e dotado de eterna memória, saberá dar-lhos a distinguir...

Estas certezas, materialmente controladas ao longo do trabalho da Obra, garantem-lhe uma serenidade moral indefectível, a calma no meio das agitações humanas, o desdém das alegrias mundanas, um estoicismo resolutivo e, acima de tudo, este pujante reconforto que lhe dá o conhecimento secreto das suas origens e do seu destino.

No plano físico, as propriedades medicinais do Elixir põem o seu feliz possuidor ao abrigo das taras das misérias fisiológicas. Graças a ele, o sábio sabe acalmar a sua dor. Batsdorff |Le Filet d'Ariadne| assegura que ele cura todas as doenças externas do corpo, ...úlceras, escrófulas,

quistos, paralisias, feridas, e outras moléstias semelhantes, sendo dissolvido num licor conveniente e aplicado sobre o mal, por meio dum pano embebido no licor. Por seu lado, o autor dum manuscrito alquímico iluminado |La Génération et Opération du Grande-Oeuvre| gaba igualmente as altas virtudes da medicina dos sapientes. 'O Elixir, escreve ele, é uma cinza divina mais miraculosa do que qualquer outra, e distribui-se, tal como é visto, conforme a necessidade que se apresenta, e não se recusa a ninguém, tanto para a saúde do corpo humano e o alimento desta vida caduca e transitória, como para a ressurreição dos corpos metálicos imperfeitos... Na verdade, ele ultrapassa todas as triagas e medicinas mais excelentes que os homens pudessem fazer, por mais sutis que fossem. Ele torna o homem que o possui ditoso, grave, próspero, notável, audacioso, robusto, magnânimo.' Enfim, Tiago Tesson dá aos novos conversos sábios conselhos do bálsamo universal. 'Falamos, diz o autor dirigindo-se ao sujeito da arte, do fruto de bênção saído de ti; agora, diremos como é preciso aplicar-te; é ajudando os pobres e não as pompas mundanas; é curando os enfermos necessitados, e não os grandes e poderosos da Terra. Porque temos de ter cautela a quem damos, e saber quem devemos amparar, nas enfermidades e nas doenças que afligem a espécie humana. Não administres este poderoso remédio senão por inspiração de Deus, que tudo vê, tudo conhece, tudo ordena'¹⁵.

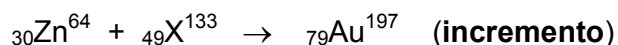
Mas como saber, como ter certeza de que a *PEDRA* foi adequadamente produzida? Como confirmar sua potência? A resposta é simples: *TRANSMUTAÇÃO*. Pela cura de um leproso (metal inferior), ou seja, pela transmutação de um metal menos *perfeito* em *ouro*. Aqui uma digressão esotérica bastante oportuna e interessante. Perante o *MENINO* nascido sob o *signal* - sob o *prodígio celeste* - os Três Magos - herdeiros dos mistérios caldeus - depositaram três presentes notadamente simbólicos: *OURO*,

símbolo solar do **Conhecimento**; INCENSO, símbolo da **Divindade**; e MIRRA, símbolo da **Não-mortalidade compulsória**.

Seguindo: a Transmutação Alquímica Operativa é tão-somente um teste da potência da *PEDRA*, ou em termos mais atuais: Transmutação é meramente controle de qualidade. E o *PÓ DE PROJEÇÃO*, nesse processo, funciona, opera, enfim, como indutor **artificial** da transmutação. Artificial porque - ensinam os Alquimistas - os metais usuais, no estado natural (minérios), estão em processo lento de evolução, alcançando a perfeição como ouro nativo. A produção de ouro alquímico é uma *simples* (!) aceleração do processo natural. A LEI DA NECESSIDADE é universal. Nada existe no Universo que se evada desta LEI.

Raciocinando quimicamente, o *PÓ DE PROJEÇÃO* age como se tivesse função catalítica e, nesse sentido, é o catalisador universal. Opera em minutos o que a Natureza leva milênios (ou milhões) de anos para realizar. Talvez bilhões!

Uma observação de suma relevância deve ser acrescentada: as Transmutações Alquímicas não são todas iguais, quer sob o aspecto quantitativo, quer sob a observação qualitativa. Dependendo de como é fermentada a *PEDRA FILOSOFAL*, se com ouro ou com prata muito puros, e dependendo da própria potência do *PÓ DE PROJEÇÃO* e do respectivo *leproso* a ser curado, mais ou menos prata alquímica ou ouro alquímico são produzidos. Sob outro ângulo de observação, enquanto o zinco, por exemplo, *ganha* alguma coisa ao se converter em ouro, o chumbo *perde* alguma coisa. É preciso que se diga, já que se trata de Alquimia, que essas *algumas coisas* podem ter naturezas iguais ou diferentes. Pensa-se, s.m.j., que devam ser da mesma natureza. E assim, sob os moldes da físico-química contemporânea, os dois processos poderiam, **especulativamente**, ser assim esquematizados:



${}_{49}\text{X}^{133}$ e ${}_{3}\text{Y}^{11}$ podem induzir o raciocinador a admitir que sejam *partículas distintas*. Mas, na verdade, X e Y representam instâncias de uma mesma *coisa*, que falta ao zinco para transmutar-se em ouro, e que sobra no chumbo para se alquimizar em ouro. Tudo converge, assim, para o ouro, para o sol (e para o Sol) pelo incremento ou decremento - dependendo do caso - de uma mesma *substância*, e a *PEDRA* tem o poder secreto e alquímico de operar a transmutação. Se o *PÓ DE PROJEÇÃO* foi obtido por fermentação com a prata, a conversão será menos nobre, e o produto da Laboração Alquímica será prata alquímica. Se com o ouro... Entretanto, neste nível profundamente esotérico, que conceito adequado pode ser atribuído à *nobreza*?

A Transmutação Alquímica, entretanto, não é um processo tão elementar assim. A coisa se passa, substantivamente, mas não exclusivamente, no nível nuclear, e o *ganho* ou *perda* em cada caso (e em todos os outros) não se faz em uma só etapa. Segundo os conhecedores da **Arte** tudo se passa (sempre) em conformidade com a *LEI DO TRIÂNGULO*. E como não poderia deixar de ser: O OURO ALQUÍMICO TAMBÉM NÃO APRESENTA ISÓTOPOS. E a insecabilidade elementar fica proscrita. A Alquimia Prática ou Operativa – ao se considerarem todas as informações coligidas e os anos de estudo que este pesquisador vem dedicando ao tema - é uma ciência antiqüíssima, positiva, que utiliza nas suas operações técnicas particulares, que permitem ao Adepto chegar a um fim previsto, irreduzível e específico. Por isso, nunca foi, não é, e não poderá ser jamais uma mera abstração romântica ou um apelo emocional descaracterizado. A acusação de nefelibatismo arremessada aos Alquimistas é improcedente, inidônea, malsã, invejosa, inverídica, mesquinha e inculta. No mínimo é preconceituosa. Há uma certeza intraduzível em todas estas afirmações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A posse da *GEMA HERMÉTICA* foi festejada por vários adeptos. Eugénio Canseliet, discípulo dileto de Fulcanelli, afirmou que quem a possui

tem assegurado o tríplice apanágio: *Conhecimento, Saúde, Riqueza*. Henrique de Linthaut assegurou que ela encerra o mistério da criação, iluminando as coisas tenebrosas. O Cosmopolita asseverou que, pela consecução da OBRA, o Filósofo percebe e aprende como o mundo foi criado. E Fulcanelli, para enaltecê-la e a todo o labor alquímico, deixou duas obras monumentais: *O Mistério das Catedrais* e *As Mansões Filosóficas*. Certamente, Fulcanelli, de todos os autores antigos e modernos, é, de longe, o mais didático, o mais sincero, o mais convincente e o mais fraterno que dissertou sobre a *ARS MAGNA*, e o que mais reverenciou a *PEDRA FILOSOFAL*. A Alquimia não visa apenas obter o *LAPIS*, disse Paracelso, mas *CURAR*.

Por último, é preciso que se leve em conta que os Alquimistas possuem, entre todas as superlativas qualidades que deles se possa presumir, esperar ou admitir, um altíssimo senso ecológico. E assim, compreendem que modificações ou alterações ambientais provocadas, são deletérias ao próprio equilíbrio planetário e universal. Por via de consequência, as transmutações que realizaram - ou permitiram que fossem realizadas - sempre ocorreram em mínimas quantidades. A riqueza à qual aludiu Canseliet - nesse sentido - só pode e só deve ser entendida como de ordem ESPIRITUAL, MÍSTICA, ESOTÉRICA, INICIÁTICA e HERMÉTICA. A trajetória real da PURIFICAÇÃO CRISTOLÓGICA opera-se, em última instância, no próprio Alquimista. É no próprio ser singular que toda a coisa atua.

As exaltações do ouro acontecidas em diversos momentos históricos, nunca foram obras alquímicas ou de filósofos herméticos. Assim, pode-se admitir que cada Alquimista tenha realizado uma única Transmutação em toda a vida. É muito improvável que um Alquimista tenha tido necessidade de realizar uma Segunda Peregrinação. Até porque, e justamente por isso, a PEDRA FILOSOFAL pode ser exaltada, segundo os ensinamentos de Fulcanelli, até a *SÉTIMA POTÊNCIA*.

Tudo o que foi exposto neste rascunho-reflexivo, constitui-se na essência do que acreditam os ALQUIMISTAS. Os vocábulos utilizados podem nem sempre coincidir, mas a OBRA e suas finalidades - OPERATIVA

e TRANSCENDENTAL - são, em linhas gerais, o que acima se resumiu. Os fatos ora relatados podem, em primeira reflexão, causar estranheza, mas assim é que pensam e operam os ALQUIMISTAS. Operam e pensam em conformidade com o que preconiza o Salmo CIV, 4, buscando na OBRA e em SI a FACE DE DEUS. Portanto, o que não foi compreendido sobre Alquimia é porque de três, uma verdade, no mínimo, prevalece: a) os Alquimistas não puderam ser mais explícitos do que foram; b) a compreensão plena só pode advir do interior de cada ser singular por experiência pessoal; e c) este pesquisador não pôde ou não teve a capacidade de exprimir adequadamente suas reflexões e convicções. A cada um caberá, se for o caso, buscar por seus próprios meios a iluminação mínima para iniciar a decodificação das *CIFRAS ALQUÍMICAS*. Indubitavelmente, o caminho será **florido** e, no tempo próprio, a ROSA libertar-se-á da CRUZ. A ALQUIMIA pertence a todos e é de todos. Como a extraordinária *Mater et Magistra* de João XXIII ensina, **CRISTO É DE TODOS**, mesmo dos que o repelem. Assim também, encerrando-se e se concluindo este modesto ensaio, reafirma-se: **A ALQUIMIA É DE TODOS, INCLUSIVE DAQUELES QUE A REJEITAM E A RIDICULARIZAM**. De qualquer forma, hoje, como sempre, alguma forma de alquimia está sendo operada em cada elétron do Universo, pois as Leis da Necessidade e da Reintegração são universais. *ORA ET LABORA; SOLVE ET COAGULA*.

DADOS SOBRE O AUTOR

Rodolfo Domenico Pizzinga: Professor Adjunto IV (Aposentado) do CEFET-RJ; Mestre em Educação pela UFRJ; Doutor em Filosofia pela UGF; e Coordenador Acadêmico do Instituto de Desenvolvimento Humano e Gestão Empresarial – IDHGE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. *Bíblia*, S. Mateus, X, 26.
2. Op. cit., p. 66.
3. Ibid., p. 73.
4. *Bíblia*, S. Mateus, III, 11.
5. FULCANELLI. *As Mansões Filosóficas (e o Simbolismo Hermético nas suas Relações com a Arte sacra e o Esoterismo da Grande Obra)*, Lisboa: Edições 70, 1965, p. 78.
6. Ibid., p. 80.
7. *Alquimia e Espagíria*, In: *As Mansões Filosóficas...*, Fulcanelli, passim.
8. *Bíblia*, Gênesis, I, V, 2.
9. *As Mansões Filosóficas...*, p. 147. Cs. tb. do mesmo autor *O Mistério das Catedrais*, passim.
10. *Bíblia*, S. João, XII, V, 24.
11. Ibid., pp. 154 e 155.
12. Op. Cit., pp. 312 e 213.
13. Ibid., p. 327.
14. Cs. *As Mansões Filosóficas...*, Fulcanelli, pp. 408. Cs. tb. do mesmo autor *O Mistério das Catedrais*, passim.
15. Ibid., pp. 344 a 346.